

Recebido em ago. 2012

Aprovado em out. 2012

## **A PROBLEMATIZAÇÃO ÉTICO-POLÍTICA NO ÚLTIMO FOUCAULT**

LUIZ CELSO PINHO \*

### **RESUMO**

O chamado “retorno aos gregos” dos últimos ditos e escritos de Foucault envolve um conjunto de pesquisas histórico-filosóficas sobre as mais diversas doutrinas, escolas e autores que problematizam a conduta individual na antiguidade greco-romana e nos primórdios da cultura cristã. Seu intuito consiste basicamente em extrair elementos que retratem o que ele denomina de “artes de existência”, “tecnologias de si”, “práticas de si”, em suma, uma “estética da existência”. Nosso objetivo reside em assinalar que o projeto foucaultiano de pensar, cultivar e avaliar a vida a partir de uma perspectiva eminentemente artística obedece a um imperativo não apenas ético como também político.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Pensamento antigo. Vida. Estética da existência. Ética. Política.

---

\* Professor Adjunto IV do DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA UFRJ. Líder do LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÕES HISTÓRICO-FILOSÓFICAS MICHEL FOUCAULT (UFRJ) do CNPq. Integrante do GT da ANPOF FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA DE EXPRESSÃO FRANCESA (UERJ) e do LABORATÓRIO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA DA UFRJ. Leciono e pesquiso os seguintes temas a partir das obras de Michel Foucault e Friedrich Nietzsche: GENEALOGIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS, FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA, ÉTICA E FILOSOFIA POLÍTICA.

**ABSTRACT**

The so-called “return to the Greeks” in the last sayings and writings of Foucault involves a set of historical and philosophical researches on the most diverse doctrines, schools and authors that question the individual conduct in Greco-Roman antiquity and early Christian culture. His purpose consists basically of extracting elements that portray what he denominates the “arts of existence”, “technologies of self”, “practices of the self”, in short, an “aesthetics of existence”. Our aim is to point out that the Foucauldian’s project of thinking, cultivating and valuing the life from an eminently artistic perspective obeys not only an ethical but also a political imperative.

**KEYWORDS**

Ancient Thought. Life. Aesthetics of Existence. Ethics. Politics.

## I. UMA PONTE ENTRE O PENSAMENTO ANTIGO E O PRESENTE

Nos derradeiros cursos no Colégio de França – *A hermenêutica do sujeito* (1982), *O governo de si e dos outros* (1983) e *A coragem da verdade* (1984) –, Michel Foucault desenvolve uma série de investigações histórico-filosóficas sobre os mais diversos sistemas de pensamento num período que abrange a Grécia Antiga, o Império Romano e os três primeiros séculos da Era Cristã. É nesse sentido que proliferam referências ao legado de cunho socrático-platônico, epicurista, estoico, cínico, pitagórico, neoplatônico, entre outros. Seu intuito consiste em realizar um estudo ao mesmo tempo descritivo e comparativo de como se deu a elaboração de modalidades de “relação consigo” nas quais o indivíduo é levado a exercer sobre si um governo de forma voluntária e singular.

Parte do material produzido nessas pesquisas culminou na publicação quase que simultânea de *O uso dos prazeres* (maio de 1984) e *O cuidado de si* (junho de 1984). O primeiro ressalta que, para os gregos, saber governar a si mesmo era a garantia de que o indivíduo não se tornaria escravo de seus desejos, ao mesmo tempo que o habilitava a desempenhar adequadamente tanto atividades domésticas quanto aquelas relativas à administração da cidade. Diferente do mau tirano, que não consegue dominar suas próprias paixões, almeja-se “a imagem positiva do chefe que é capaz de exercer um estrito poder sobre ele mesmo na autoridade que ele exerce sobre os outros; seu domínio de si modera seu domínio

sobre o outro”.<sup>1</sup> Foucault também ressalta que a cultura grega não se caracterizava por erigir princípios morais constritivos e de alcance universal, como ocorrerá, mais adiante, com o advento do cristianismo, já que “as exigências de uma austeridade não estavam organizadas em uma moral unificada, coerente, autoritária e imposta do mesmo modo para todos”.<sup>2</sup> Grupos restritos estabeleciam critérios pessoais no intuito de “dar à sua existência a forma mais bela e mais realizada possível”.<sup>3</sup>

A obra seguinte, que se detém no período romano, defende que houve uma intensificação desse interesse em si mesmo. Tal acontecimento, entretanto, nada tem a ver com o ato de “voltar-se para si [*repli sur soi*]”,<sup>4</sup> cujo resultado seria o fortalecimento de uma conduta individualista. Trata-se, antes, de um movimento de intensificação da “relação consigo”, através de exercícios, meditações, provas de pensamento, exame de consciência, controle das representações, no qual se almeja descobrir “o que se é, o que se faz e o que se é capaz de fazer”.<sup>5</sup> De modo análogo aos gregos, esse tipo de preocupação “só concerne aos grupos sociais, muito limitados em número, que eram portadores de cultura e para os quais uma *techne tou biou* [“arte da existência”] poderia ter um sentido e uma realidade”.<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Foucault, M. *L'usage des plaisirs*, p. 110.

<sup>2</sup> *Ib.*, p. 31.

<sup>3</sup> *Ib.*, p. 323.

<sup>4</sup> Foucault, M. *Le souci de soi*, p. 97.

<sup>5</sup> *Ib.*, p. 94.

<sup>6</sup> *Ib.*, p. 63. Esses grupos surgem da necessidade de a administração romana utilizar uma aristocracia de serviço, uma “*managerial aristocracy*” (cf. Foucault, M. *Le souci de si*, p. 116).

Mas pelo menos duas modificações vão gradualmente se consolidando. Em primeiro lugar, a reflexão sobre o uso dos prazeres não está mais referida ao domínio de si e dos outros. Dentro da política centralizada do Império Romano, o exercício de um cargo decorre de um “ato de vontade pessoal”, independente de a origem habilitar o exercício de cargos públicos. Estamos nos referindo a um período onde, exceto pelo príncipe, “o poder é exercido no interior de uma rede onde se ocupa uma posição intermediária [*charnière*]”, na qual se é, “de certo modo, governante e governado”.<sup>7</sup> Outra mudança se verifica no surgimento de um ideal de conjugalidade recíproca que independe da “autoridade estatutária do esposo” e do “governo racional da propriedade”. Foucault considera que a cultura de si dos romanos desempenha um papel ambíguo, pois “exige ainda e sempre que o indivíduo se sujeite a uma arte de vida que define os critérios estéticos e éticos da existência; mas essa arte se refere cada vez mais a princípios universais de natureza e de razão, aos quais todos devem se dobrar do mesmo modo, qualquer que seja o seu estatuto”.<sup>8</sup>

Os cristãos,<sup>9</sup> por sua vez, se caracterizam, de acordo com a problematização foucaultiana das condutas, por redirecionar antigos temores a respeito da saúde do corpo em geral para o desejo

<sup>7</sup> *Ib.*, p. 121.

<sup>8</sup> *Ib.*, p. 93.

<sup>9</sup> Inúmeras menções são feitas ao cristianismo em *O uso dos prazeres e O cuidado de si*. Se bem que um volume específico sobre o assunto – *As confissões da carne* [*Les aveux de la chair*] – permaneça inédito.

especificamente, que passa a ser tido como a “manifestação de uma potência surda, ágil e temível que é tanto mais necessário decifrar quanto é capaz de se emboscar sob outras formas que não a dos atos sexuais”.<sup>10</sup> A obediência à lei divina, ou à autoridade religiosa, requer uma hermenêutica purificadora dos mais obscuros pensamentos na qual o indivíduo é levado a renunciar a si mesmo. Manter a integridade corpórea assegura a salvação da alma e a vida eterna. Deste modo, o indivíduo deve “saber precisamente o que é o próprio de seus desejos, dos movimentos particulares que o conduzem ao ato sexual, das escolhas que ele faz, das formas dos atos que comete ou dos modos de prazer que ele experimenta”.<sup>11</sup> Tem-se, assim, uma modalidade de “relação consigo” calcada na decifração e na purificação.

O propalado “retorno”<sup>12</sup> ao pensamento antigo tem uma significação bem precisa nas análises foucaultianas: realizar uma história do modo como os indivíduos são levados a se constituir como sujeitos de uma conduta moral, tendo como objetivo maior a

---

<sup>10</sup> Foucault, M. *L'usage des plaisirs*, p. 56-7.

<sup>11</sup> Foucault, M. *Le souci de soi*, p. 191.

<sup>12</sup> A rigor, desde o primeiro curso no Colégio de França – *Lições sobre a vontade de saber* (1971) – há tanto uma extensa e minuciosa abordagem contrapondo um *modelo nietzschiano de conhecimento* aos modelos platônico e aristotélico quanto um exame original de Édipo (que será retomado em diversas ocasiões). A novidade dos cursos de 1982, 1983 e 1984 reside nas sucessivas análises de discursos – filosóficos, médicos ou “edificantes” – voltados para a problematização da vida cotidiana entre os séculos IV a.C e III d.C.

necessidade de se autotransformar, de modelar a si mesmo. O privilégio da noção de Estética da Existência retrata justamente essa dimensão artística – e não normativa – do trabalho ético em relação a si mesmo.

É preciso salientar também que o projeto foucaultiano de subordinar o modo como se vive a um denominador estético não reside na “imitação” de uma era grandiosa – no caso, a antiguidade greco-romana. Apesar de o passado lhe servir de referência, ressaltamos que sua relevância está ancorada na possibilidade de repensar o presente, de acrescentar novos contornos ao que somos atualmente. Foucault localiza essa diretriz estética em diversos momentos da cultura ocidental. Destacamos seu interesse pelos seguintes autores: Jacob Burckhardt (1818-1897), autor de *A cultura do Renascimento na Itália* [*DIE KULTUR DER RENAISSANCE IN ITALIEN*, 1860]; Charles Baudelaire (1821-1867) e seus escritos *O pintor da vida moderna* [*Le peintre de la vie moderne*, 1863] e “Do heroísmo da vida moderna” [“De l’heroïsme de la vie moderne”, 1845]; Walter Benjamin (1892-1940) e seu artigo “Sobre alguns temas em Baudelaire” [“Über einige Motive bei Baudelaire”, 1939]; Jan Patočka (1907-1977) e os seminários reunidos sob o título *Platão e a Europa* [*Platon et l’Europe: seminaire prive du semestre d’ été 1973*]; Stephen Greenblatt (1943), que publicou *Auto-modelagem no Renascimento: de More a Shakespeare* [*Renaissance Self-Fashioning: From More to Shakespeare*, 1980].

Tais registros – que perpassam a Grécia, a época renascentista e o início da Modernidade – têm como fio condutor a elaboração de um estilo admirável de

vida, ou seja, a busca de “um princípio de estilização da conduta para aqueles que querem dar à sua existência a forma mais bela e mais realizada possível”.<sup>13</sup> A problematização ética a partir do pensamento antigo não constitui, pois, um fim em si mesmo. Daí Foucault não se limitar a dar conta do que vem a ser o Estoicismo ou o Epicurismo em seus elementos doutrinários mais significativos, por exemplo. Seu intento, como veremos, reside em estabelecer uma ponte entre o momento “atual” – mais exatamente, a Era Moderna – e a antiguidade greco-romana, tomando como referência a ideia de que “o mesmo conselho dado pela moral antiga pode desempenhar um papel diferente num estilo de moral contemporâneo”.<sup>14</sup>

## II. O TRABALHO INCESSANTE DO *ETHOS* FILOSÓFICO

Ao associar suas pesquisas histórico-filosóficas dos anos 80 às rubricas “ontologia do presente”, “ontologia da atualidade”, “ontologia de nós mesmos”, “ontologia crítica de nós mesmos”, “ontologia histórica de nós mesmos”, consideramos que Foucault pretende destacar o imperativo de examinarmos o quanto antes aquilo que nos leva a falar, pensar e agir do modo como atualmente falamos, pensamos e agimos. Essa diretriz remete essencialmente a todo um conjunto de provas práticas, exercícios ou treinamentos que “permitem aos indivíduos efetuarem, através deles

---

<sup>13</sup> Foucault, M. *Le souci de soi*, p. 323.

<sup>14</sup> Foucault, M. *Le retour de la morale*, p. 701.

mesmos, certo número de operações sobre seu corpo, sua alma, seus pensamentos, suas condutas”,<sup>15</sup> e que terão efeito direto na forma como conduzem suas vidas. É nesse sentido que Foucault discorre sobre pelo menos cinco modalidades de “tecnologias de si”: “transformar a existência numa espécie de exercício permanente [sem] jamais relaxar”; realizar meditações, leituras, anotações “sobre livros ou conversações”; ficar atento “à saúde, ao regime, às indisposições e a todas as perturbações que podem circular entre corpo e alma”; “tornar-se capaz de passar sem o supérfluo [...] submeter-se ao exame de consciência [...] [e nortear-se pelo que depende de uma] escolha livre e racional”; “não apenas se contentar com o que se é [...] como também ‘gostar’ de si mesmo”.<sup>16</sup>

O *ethos* filosófico que leva Foucault a repensar o presente envolve um combate interno incessante que não almeja extirpar alguma parte de si no intuito de atingir um estado de pureza, como na moral cristã. A concepção de que se faz necessário realizar um “trabalho” (*askesis*) cotidiano encontra-se norteadada por critérios acima de tudo estéticos, de modo que “a ênfase [na atividade ética] é dada, então, às formas das relações consigo, aos procedimentos e às técnicas pelas quais [elas] são elaboradas, aos exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto a conhecer e às práticas que permitem transformar seu próprio modo de ser”.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Foucault, M. *Sexualité et solitude*, p. 171.

<sup>16</sup> Foucault, M. *Le souci de soi*, p. 63-92.

<sup>17</sup> Foucault, M. *L'usage des plaisirs*, p. 30.

Essa problemática, cuja fonte inspiradora maior reside em Pierre Hadot (helenista e autor de *Exercícios espirituais e filosofia antiga*), será utilizada para além de seu alcance originário. Segundo Hadot, ela designa dois campos filosóficos distintos, pois enquanto “a filosofia antiga propõe ao homem uma arte de viver; a filosofia moderna, ao contrário, se apresenta antes de tudo como a construção de uma linguagem técnica reservada a especialistas”.<sup>18</sup> Tal concepção é marcante no caso dos estoicos, para quem “a filosofia não consiste no ensino de uma teoria abstrata”.<sup>19</sup> Daí se poder afirmar que “a filosofia, na época helenística e romana, se apresenta, pois, como um *modo de vida*, como uma *arte de viver*, como uma *maneira de ser*”.<sup>20</sup>

No entanto, Foucault elabora uma concepção própria do que vem a ser essas “tecnologias de si”: ele transpõe a problematização dos prazeres entre os antigos para a modernidade através da noção de estilística da existência. Não há dúvida que compartilha com a cultura greco-romana do imperativo de elaborar “um modo de viver no qual a moral não diz respeito nem à conformidade a um código de comportamento nem a um trabalho de purificação, mas a certas formas, ou melhor, a certos princípios formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que deles se faz, nos limites que se obedece, na hierarquia que se respeita”.<sup>21</sup> Em suma, trata-se de promover uma estilização da

---

<sup>18</sup> Hadot, P. *Exercices spirituels et philosophie antique*, p. 300.

<sup>19</sup> *Ib.*, p. 20.

<sup>20</sup> *Ib.*, p. 295, grifos meus.

<sup>21</sup> Foucault, M. *L'usage des plaisirs*, p. 120-1.

conduta de modo a escapar de todo e qualquer “padrão universal de comportamento”, no qual “homens e mulheres [são reduzidos] a um modo de existência em harmonia com um denominador mínimo comum”.<sup>22</sup>

Atualmente, o termo estilo remete ao universo da moda: um modo próprio ou elegante de se vestir. De acordo com Veyne, essa palavra, dentro do contexto foucaultiano, “deve ser entendida no sentido dos gregos, para quem um artista era, antes de tudo, um artesão; e uma obra de arte, uma obra. A moral grega sucumbiu completamente, e Foucault julgava também tanto indesejável quanto impossível ressuscitá-la; mas um detalhe dessa moral, a saber, a ideia de um trabalho de si sobre si, lhe parecia possível adquirir um sentido atual, do mesmo modo que essas colunas de templos pagãos, que vemos, às vezes, reutilizadas nos edifícios mais recentes”.<sup>23</sup> Aqui, não se pode deixar de ignorar, esbarramos numa dificuldade pedagógica, pois “Foucault jamais especificou quais regras poderiam ser seguidas e em qual situação”<sup>24</sup> no contexto em que vivemos.

Cabe destacar, ainda, que o Si de Foucault não remete a um sujeito originário. Desde sua fase arqueológica, ele já havia demonstrado que o homem não é mais antigo foco de preocupação da cultura Ocidental. Para recordar palavras que se tornaram célebres nos anos 60, o homem é apenas um rosto de areia na beira do mar, passada a primeira onda, nada

---

<sup>22</sup> Bernauer, J.; Mahon, M. *The Ethics of Michel Foucault*, p. 153.

<sup>23</sup> Veyne, P. *Le dernier Foucault et sa morale*, p. 939.

<sup>24</sup> Huijter, M. *The Aesthetics of Existence in the Work of Michel Foucault*, p. 76.

restará. Foucault não quer salvar o homem de si mesmo, muito menos redescobrir a humanidade que habita suas mais recônditas profundezas. Não se trata, em suma, de humanizar as relações entre os indivíduos.

Certamente, a leitura que realiza da obra de Nietzsche o leva a diagnosticar a “morte do homem”, seu caráter transitório e efêmero, numa interpretação inquietante do evolucionismo darwinista. Aliás, como salienta Deleuze, “Foucault não cessa de submeter a interioridade a uma crítica radical” nas três etapas de sua obra; logo, não é correto afirmar que ele “descobre o sujeito em *O uso dos prazeres*. Na verdade, já o havia definido como uma derivada, uma função derivada do enunciado [em *A arqueologia do saber*]”.<sup>25</sup> Foucault sempre esteve interessado nas condições históricas de surgimento do homem na rede de saberes da modernidade. A principal diferença dele em relação aos discursos humanistas e antropológicos reside na aposta de que na Era Moderna o sujeito deixa de ocupar o lugar de fundamento prometido pelo racionalismo cartesiano.

### III. ÉTICA E POLÍTICA: AS DUAS FACES DA MESMA MOEDA

Desde o final dos anos 70, Foucault já começa a estabelecer um vínculo entre existência artística e atividade política. Nos referimos ao prefácio à edição estadunidense de *O antiédipo: capitalismo e esquizofrenia*, de Gilles Deleuze e Felix Guattari, quando indica que a referida obra pode ser lida como “um manual”, “um guia” para a “arte de viver”, cujas

---

<sup>25</sup> Deleuze, G. *Foucault*, p. 103.

diretrizes seriam as seguintes: livrar-se “de toda forma de paranoia unitária e totalizante”; fomentar “a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, e não por subdivisão e hierarquização piramidal”; preferir “o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, o fluxo às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas”; “não supor que a tristeza é necessária para se tornar militante, mesmo que a coisa que se combate seja abominável”; utilizar “a prática política como um intensificador do pensamento”; buscar “desindividualizar-se”; jamais “se apaixon[ar] pelo poder”.<sup>26</sup>

Nos anos seguintes, a “estética da existência” dos antigos é convertida num trabalho voltado para a necessidade de o indivíduo reinventar a si mesmo. E isso ocorre na medida em que permanecemos “nas fronteiras” de nós mesmos, ou seja, quando temos a “possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que nós somos, fazemos ou pensamos”.<sup>27</sup> O que importa é transformar nossas vidas numa espécie de obra de arte – eis o princípio que norteia o pensamento ético do último Foucault. Nesse momento é marcante a importância atribuída a “velhas práticas”, inclusive bem anteriores a Sócrates e Platão, que “transformam o modo de ser do sujeito, que o modificam [...], que o qualificam transfigurando-o”.<sup>28</sup>

Trata-se ao mesmo tempo de desenvolver um estilo, como o faz um artista, e de nos tornarmos

<sup>26</sup> Foucault, M. *Préface*, p. 135-6.

<sup>27</sup> Foucault, M. *Qu'est-ce que les Lumières?*, p. 574.

<sup>28</sup> Foucault, M. *L'herméneutique du sujet*, p. 46.

admiráveis aos olhos daqueles que nos rodeiam. Daí a necessidade de se distinguir “liberdade” de “liberação”, pois uma coisa é a necessidade moderna de “liberar a sexualidade ou o desejo”; outra, reside na “prática refletida da liberdade”:<sup>29</sup> a primeira, como atesta a genealogia do poder nos anos 70, faz parte da engrenagem confessional dos dispositivos de controle, vigilância e normalização; a segunda, por sua vez, implica, acima de tudo, uma problematização ética que envolve o próprio indivíduo e os que se relacionam com ele. Nesse sentido, o “governo de si” e o “governo dos outros” não apenas se requerem mutuamente, mas também constituem as duas faces da mesma moeda.

Desde a primeira aula do curso *A hermenêutica do sujeito*, Foucault salienta que “não se pode governar os outros, não se pode transformar seus privilégios [de cidadão] em ação política sobre os outros [...] se não se cuida de si mesmo”.<sup>30</sup> Esse é o requisito indispensável para que um indivíduo fique habilitado a se encarregar dos negócios públicos. No Império Romano tal preceito continua válido na medida em que a figura do Príncipe deve tanto estabelecer “consigo uma relação adequada que garanta sua virtude” quanto se tornar um “governante que se encarregue e cuide não apenas de si mesmo, mas também dos outros”.<sup>31</sup> Ora, para que isso efetivamente ocorra, torna-se essencial adotar o que, em termos foucaultianos, significa “dizer

---

<sup>29</sup> Foucault, M. *L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté*, p. 710-1.

<sup>30</sup> Foucault, M. *L'herméneutique du sujet*, p. 37-8.

<sup>31</sup> Foucault, M. *Le gouvernement de soi et des autres*, p. 46-7.

verdadeiro” [*parresia*], pois só quem se mostra capaz de “falar a verdade [está apto] para dirigir a cidade”.<sup>32</sup> É nesse sentido que o *ethos* filosófico defendido por Foucault nos seus últimos cursos no Colégio de França insiste no vínculo entre verdade, atividade política e ética.<sup>33</sup> Essa superposição estratégica entre discurso verdadeiro, arte de governar e conduta individual se mostrará crucial para a compreensão de um projeto ético-político que toma como matriz o uso corajoso da palavra – momento derradeiro do pensamento foucaultiano.



---

<sup>32</sup> *Ib.*, p. 144.

<sup>33</sup> Cf. Foucault, M. *Le courage de la vérité*, p. 64.

#### IV. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNAUER, James; MAHON, Michael. The Ethics of Michel Foucault. In: GUTTING, G. (Ed.). *The Cambridge Companion to Foucault*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1994, p. 141-158.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Paris: Minuit, 1986.

FOUCAULT, Michel. *L'usage des plaisirs (Histoire de la sexualité, t. II)*. Paris: Gallimard: 1984 (Coleção Tel, edição de bolso).

\_\_\_\_\_. *Le souci de soi (Histoire de la sexualité, t. III)*. Paris: Gallimard: 1984 (Coleção Tel, edição de bolso).

\_\_\_\_\_. *Leçons sur la volonté de savoir*. (Cours au Collège de France: 1970-1971). Edição organizada por Daniel Defert. Paris: Gallimard-Seuil, 2011.

\_\_\_\_\_. *L'herméneutique du sujet* (Cours au Collège de France: 1981-1982). Edição organizada por Frédéric Gros. Paris: Gallimard-Seuil, 2001.

\_\_\_\_\_. *Le gouvernement de soi et des autres* (Cours au Collège de France: 1982-1983). Edição organizada por Frédéric Gros. Paris: Gallimard-Seuil, 2008.

\_\_\_\_\_. *Le courage de la vérité. Le gouvernement de soi et des autres, II* (Cours au Collège de France: 1984). Edição organizada por Frédéric Gros. Paris: Gallimard-Seuil, 2009.

\_\_\_\_\_. Préface [a *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*. Nova York: Viking Press, 1977, p. xi-xiv]. In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*. (1976-1979), III, Paris: Gallimard, 1994, p. 131-136.

\_\_\_\_\_. Sexualité et solitude (conferência). In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*. (1980-1988), IV, Paris: Gallimard, 1994, p. 168-178.

\_\_\_\_\_. Qu'est-ce que les Lumières? (ensaio, segunda versão). In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits* (1980-1988), IV, Paris: Gallimard, 1994, p. 562-578.

\_\_\_\_\_. L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté (entrevista a H. Becker, R. Fernet-Betancourt, A. Gomez-Müller). In: \_\_\_\_\_. *Dits et écrits*, (1980-1988), IV, Paris: Gallimard, 1994, p. 708-729.

HADOT, Pierre. *Exercices spirituels et philosophie antique*. 2ª ed. revista e aumentada. Prefácio de Arnold I. Davidson. Paris: Albin Michel, 2002.

HUIJER, Marli. The Aesthetics of Existence in the Work of Michel Foucault. *Philosophy and Social Criticism*, v. 25, n. 2, 1999, p. 61-85.

VEYNE, Paul. Le dernier Foucault et sa morale. *Critique*, n. 471-472, agosto-setembro de 1986, p. 933-941.

